

INFORMAÇÃO IMPRESSA E INFORMAÇÃO ELETRÔNICA: breves considerações

Joana Coeli Ribeiro Garcia*
Terezinha Elisabeth da Silva

Resumo

Apresentam-se questões que envolvem a informação impressa e eletrônica, especificamente quanto à código utilizado, velocidade de produção e disseminação, possibilidades de armazenamento e condições de uso.

1 MOTIVOS

Disseminação da Informação II e História do Livro e das Bibliotecas são disciplinas que, na aparência, guardam pouca relação uma com a outra. A primeira aborda os sistemas automatizados e as formas eletrônicas de disseminar informação; a segunda, a evolução da escrita, do livro e, conseqüentemente, das bibliotecas.

Essa discrepância aparente deve-se ao fato de estarmos habituados a observar e a estudar fatos isolados, fracionando o conhecimento como se ele se restringisse às fronteiras de cada departamento das universidades ou, ao conteúdo programático de disciplinas.

Designadas para lecionar aquelas disciplinas e, administrativamente, trabalhando juntas, e discutindo temas a serem abordados em sala-de-aula, levantamos questões específicas das disciplinas, num exercício de entendimento dos contextos históricos e sociais que envolvem, ou envolveram a tecnologia do livro impresso e da informação eletrônica.

2 TENSÕES

O final da Segunda Guerra e o início da guerra fria aceleram o processo da mudança tecnológica, com ênfase no desenvolvimento da informática e das telecomunicações. Situação propícia para o assédio de formas econômicas globalizantes e tentaculares, emanadas dos países industrializados de primeira ordem. Ocorre a integração mundial pela unificação de todos os sistemas técnicos. À medida que o tecido da sociedade que se inaugura com o final da Segunda Guerra é basicamente comunicacional ou telecomunicacional, o mercado consumidor será organizado e definido em função da imagem.

Estabelece-se neste contexto, uma tensão entre o mercado da informação em papel e o mercado da informação em suporte eletrônico. Tensão porque o suporte impresso, aqui representado fundamentalmente pelo livro, historicamente deteve posição privilegiada desde o advento da imprensa de tipos móveis - e mesmo antes dela.

A emergência do mercado da informação eletrônica vem minar a posição hegemônica que o livro e outros veículos impressos tiveram por mais de seiscentos anos. Como tudo mais no contemporâneo, os meios de comunicação e a informação se fragmentam, desmistificando o papel integrador e utópico do livro e de seus irmãos impressos.

* Professoras do Departamento de Biblioteconomia e Documentação e do Mestrado em Biblioteconomia da UFPB

O novo cenário que se delineia compreende os seguintes fatos:

- o crescimento da oferta de publicações em mídias eletrônicas;
- o crescimento do mercado da mão-de-obra com perfil multidisciplinar e conhecimentos técnicos especializados;
- o crescimento vertiginoso na venda de computadores, softwares e demais dispositivos associados à informática;
- o decréscimo da relação informação em papel versus informação digital;
- a informatização de todos os ramos da indústria de informação (jornais, livros, revistas, etc). (RINCON, 1994, p. 10-11)

Admitindo esse panorama e refletindo sobre os conteúdos das disciplinas mencionadas, estabelecemos comparações entre os suportes impressos e eletrônicos, utilizando as seguintes categorias de análise: código, velocidade de produção e disseminação, armazenagem e sujeitos envolvidos.

O primeiro aspecto pensado diz respeito ao código usado nos impressos - escrita - e nos meios eletrônicos - ícones.

A escrita significa não só a abstração do próprio conhecimento, senão a abstração da própria língua. Além disso, a escrita é a representação gráfica do som. Paralelamente, a leitura significa domínio de um código - o código da escrita - para poder decifrar as mensagens que a escrita veicula. (MURGIA, 1993, p. 7)

Contrapõe-se a isso a sedução que os meios eletrônicos proporcionam através de argumentos visuais - iconográficos -, permitindo mesmo a iletrados, se isso é possível, o acesso a um código decodificável por si só. Por dispensar a abstração que o código impresso exige, os programas iconográficos apresentam uma facilidade de uso jamais suplantada pelos meios impressos.

Se isso pode ser considerado como vantagem, há que se pensar que o não exercício da abstração vai provocando no sujeito, o aparecimento de características de automatismo, porque a relação estabelecida não é mediatizada pelo código lingüístico.

No entanto, a perda da abstração pode ser "compensada" pela atualidade das informações recebidas, provocando uma quase-simultaneidade entre produção e disseminação da informação em seus diferentes aspectos, velocidade possível somente nos sistemas digitais. Diante do volume crescente de informações produzidas, só os meios eletrônicos dão conta de reunir, armazenar e disseminar com a mesma rapidez com que são geradas. Esta rapidez tanto é causa, quanto conseqüência da produção.

Por maiores que tenham sido os avanços no mundo editorial de impressos, qualquer publicação demanda um tempo significativo nas fases de composição, revisão e impressão. Acresce a isso a lentidão dos esquemas de distribuição e disseminação via livrarias e serviços de informação tradicionais, resultando, em alguns casos, na obsolescência, principalmente da informação científica.

No caso dos serviços tradicionais, a disseminação da informação padece as conseqüências dos métodos de organização para sua recuperação que não são apreendidos com facilidade pelo usuário, e da armazenagem que ao ocupar grandes espaços físicos, dificulta a localização da informação. Ao passo que através dos meios eletrônicos consegue-se armazenar grandes quantidades de informação em espaços diminutos.

A facilidade de consulta é muito maior, como é maior o número de dados disponíveis. A Multimedia Encyclopedia, da The Software Toolworks, reúne o equivalente a 21 volumes de papel num único CD-ROM - contendo 33.000 verbetes, com mais de 3.000 ilustrações. (SEABRA, 1994, p. 50)

A duplicação de acervos nas bibliotecas é uma tendência decrescente, atendendo a restrições econômicas e à racionalização de espaço e de tempo. Uma única base de dados, através de acesso remoto, pode atender a vários usuários que desejem usá-la simultaneamente.

Essas mudanças referidas estão influenciando na composição do perfil dos profissionais da informação.

Antes fundamentalmente bibliotecários com formação voltada para os aspectos de planejamento e organização dos acervos impressos, utilizando as técnicas tradicionais da Biblioteconomia. Hoje, o mercado a exigir um profissional com qualificação multidisciplinar formada por um conjunto de disciplinas que incluem cibernética, lingüística, lógica formal, engenharia elétrica, eletrônica, programação de computadores entre outras, para desempenhar as funções de planejamento e gerência de serviços e sistemas de informação. (ROBREDO; CUNHA, 1994, p.17)

Neste mercado "profissionais de diversas áreas poderão concorrer, em alguns casos com vantagem, no exercício de atividades que não são mais, em nenhuma parte do mundo, o privilégio de qualquer classe que seja". (ROBREDO; CUNHA, 1994, p. 19)

A convivência saudável do profissional da informação com os de outras áreas vai provocando a emergência de uma nova geração de profissionais. Atualmente, atravessa-se uma fase de transição onde coexistem os sistemas tradicionais e os eletrônicos, e o bibliotecário atua em muitos casos nos dois extremos. Um que ainda é muito forte por conta da própria formação e de uma tradição que provoca certa resistência à mudança. E, outro que já se torna realidade - da qual não se pode fugir - e que exige grande capacidade de adaptação e aceitação.

Sob o ponto de vista do usuário, essa transição é bem mais tranqüila, porquanto grande crítico dos sistemas tradicionais, vê sua necessidade de informação atendida com muito mais rapidez pelo sistemas eletrônicos.

Em 1985, Lancaster (p. 555) argumentava que "agora a idéia da comunicação sem papel encontra menos resistência que há dez anos atrás". É de se esperar que, a partir de então, muito da resistência tenha cedido lugar aos anseios de uma nova geração educada diante dos computadores e, por isso, menos exigente em relação à necessidade do papel, conforme previu o autor.

Que se caminha para uma sociedade sem necessidade do papel, não resta dúvida, da mesma forma que, em algum momento, passou-se da sociedade oral para a sociedade da escrita.

Não se trata, aqui, de fazer apologia à sociedade informatizada, problemas de ordem econômico-social ainda definirão os usuários, grupos de usuários e até mesmo países que se beneficiarão, pois o uso de novas tecnologias de informação e comunicação é substancialmente diferente entre o primeiro mundo e países subdesenvolvidos, a globalização da sociedade contemporânea não significa processos informativos globais, em completude e abrangência territorial.

Embora esses sistemas se anunciem como democráticos, deve-se entender democracia quase que tão somente quanto à facilidade de uso, proporcionada por argumentos visuais. Tanto quanto os sistemas tradicionais, eles podem ser elitistas, "uma vez que sabemos que nas sociedades modernas as informações não são compartilhadas e sim distribuídas por agentes e agências de produção, organização e disseminação". (MARTELETO; RIBEIRO, 1994, p. 527) Além do alto investimento inicial com equipamentos, a aquisição ou direito de acesso aos sistemas eletrônicos demanda recursos financeiros permanentes. Acentuase, assim, a distância, já considerável, entre a elite - que muito possui - e uma parcela significativa de usuários - ou países - sempre à mercê das disponibilidades econômicas e dos interesses políticos dessa elite.

3 CONCLUSÃO

Foram abordados alguns aspectos gerais, que direta ou indiretamente, têm relação com as disciplinas mencionadas e que não têm a pretensão de serem conclusivos, ao contrário, pois os avanços tecnológicos vão continuar a existir e nosso papel é pensá-los à luz do contexto social que envolve produtores, intermediários e receptores da informação.

Fizemos um exercício que, acreditamos, pode ser sistemático no âmbito acadêmico, principalmente no da Biblioteconomia, de forma que a multidisciplinaridade migre do território da retórica para o do ensaio de práticas.

PRINTED INFORMATION AND ELECTRONIC INFORMATION: brief considerations

Abstract

Certain questions are raised which involve printed and electronic information, especially with respect to the code used, the speed of production and dissemination, the possibilities of storage and the conditions of use.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LANCASTER F. W. The paperless society revisited. **American Libraries**, v 16, n 8, p. 553-555, Sept. 1985.

MARTELETO, Regina Maria, RIBEIRO, Leila Beatriz, O que se vê e o que se entende: cultura e sujeito na nova ordem mundializada da informação.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 17. CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2. Belo Horizonte, abril, 1994. **Anais...** Belo Horizonte: ABMG, Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1994. 807 p. p 524-533.

MURGIA, Eduardo. A crise na informação. **Ensaio APB**, n. 4, p. 1-10, 1993,

RINCON, O impacto da tecnologia da informação sobre o desenvolvimento nacional. **Ciência da Informação**, v. 23, n. 1, p. 9-15, jan./abr. 1994.

ROBREDO, Jaime, CUNHA, Murilo B. da. **Documentação de hoje e de amanhã**: uma abordagem informatizada da Biblioteconomia e dos sistemas de informação. 2 ed. São Paulo: Global, 1994. 400p.

SEABRA, Carlos. CD-ROM: formidáveis enciclopédias portáteis. **Super Interessante**, v. 8 n. 3, p. 48-51, mar. 1994.